

5-146
J

Rastro macabro em Santa Catarina

Mulher acusada de liderar seita que faz rituais de magia negra, em que meninos foram castrados e assassinados, freqüentou Balneário Camboriú, onde era acompanhada por um séquito

João José Cavallazzi / BALNEÁRIO CAMBORIÚ/ITAJAÍ

Existe uma conexão macabra entre Balneário Camboriú, no Litoral Norte de Santa Catarina, e Altamira, interior do Pará, onde meninos com idades entre 8 e 14 anos foram castrados e assassinados em rituais de magia negra. Entre 1986 e 1992, um prédio da cidade catarinense foi freqüentado por integrantes da chamada seita Lineamento Universal Superior (LUS), acusados de seqüestrar, mutilar e matar crianças durante cerimônias satânicas em vários estados brasileiros. Por enquanto, a polícia não confirma o rapto e execução de crianças de SC.

Dois médicos, um ex-policiaI militar, um comerciante e a paranaense Valentina de Andrade Teruggi - apontada como líder da seita - estão atualmente presos em Altamira, onde estão sendo julgados pela castração de nove meninos (seis dos quais foram mortos).

O edifício em Balneário Camboriú, à beira-mar, fica na esquina da Rua 2000 com a Avenida Atlântica. Uma corretora, que pediu para não ser identificada, afirmou que de três a quatro ônibus lotados sempre acompanhavam Valentina durante sua estada na cidade. A versão foi confirmada por moradores.

O grupo alugava vários dos 264 apartamentos do Edifício Imperatriz. Geralmente os adeptos da seita vinham nos meses de março e abril, depois da temporada de Verão, e ficavam entre 10 e 15 dias. "Era gente muito rica; homens e mulheres de várias partes do Brasil", lembra a corretora.

Praia era palco para os rituais

De acordo com ela, os seguidores da LUS promoviam rituais de adoração ao sol e aos astros na praia, durante as manhãs. Outro detalhe intrigava a corretora: todos ficavam venerando Valentina quando ela aparecia na sacada do edifício. Depois, quando a chefe da seita descia para a praia, se seguia todo um ritual de lisonja sob uma tenda branca amada à beira-mar.

"Ela (Valentina) era tratada como uma rainha", descreve a testemunha, atualmente com 59 anos. "Todos a chamavam de mãe", afirma, acrescentando que oferendas eram levadas para a líder da LUS.

A corretora conta não ter lembrança da presença de crianças ou adolescentes nas cerimônias à beira-mar. Diz apenas que, além dos ritos na praia, muitas festas eram promovidas por Valentina e seu séquito no prédio

Diário Catarinense, 08 de setembro de 2003.

Prisão dispersa fiéis

Os membros da LUS pararam de freqüentar Balneário Camboriú a partir de 1992, quando a Justiça de Guaratuba (PR) determinou a prisão de Valentina e José Teruggi - à época marido dela e líder da seita - e de Frederico Wassef, seguidor da LUS.

O pedido de prisão foi encaminhado pelo delegado Luís Carlos de Oliveira, que apurava o desaparecimento do menino Leandro Bossi, 6 anos, supostamente sacrificado (o corpo dele nunca foi encontrado) em um ritual de magia negra.

Em um vídeo gravado quatro dias antes do desaparecimento de Leandro, Teruggi "incorpora" uma entidade e pede à Valentina e a outros que "matem a criança que eu pedi". Desde aquela época, o casal estava foragido da Justiça. Valentina foi presa quinta-feira passada, em São Paulo, de onde tentava embarcar para Buenos Aires.

5.147
J

5-168
A

Moradora lembra da vizinha misteriosa

"Meu Deus do céu, bem que eu sabia que conhecia aquela mulher de algum lugar!", reagiu uma moradora do Edifício Imperatriz na manhã de sexta-feira, ao ser questionada pelo DC sobre Valentina de Andrade Teruggi, que na noite anterior havia aparecido nos principais telejornais nacionais. A dona de casa, que não quis ser identificada nem fotografada, confirmou que a líder da seita LUS freqüentou Balneário Camboriú durante anos.

"Ela (Valentina) vinha todos os anos com muitas pessoas", recordou a moradora. "Todos ficavam aqui no edifício, mas depois do que aconteceu em Guaratuba nunca mais apareceram", descreveu, referindo-se à decretação de prisão de Valentina e do marido, em 1992, sob acusação de envolvimento no desaparecimento e morte de dois meninos na cidade do litoral paranaense.

A moradora corroborou as informações da corretora que alugava os apartamentos para o grupo. De acordo com ela, todos ficavam hospedados no edifício Imperatriz por quase um mês, sempre depois da alta temporada.

Governo brasileiro responde por crimes

Ainda estão vivas em suas memórias os rituais promovidos à beira-mar, em frente ao prédio: "Tinha uma tenda branca onde eles (os seguidores de Valentina) ficavam fazendo culto ao sol, aos astros", revelou, acrescentando que em muitas vezes teve contato com a líder da LUS. "Era mesmo tratada como uma espécie de deusa, não fazia nada, todos pareciam ser seus escravos".

Os casos de mutilação e execução em Altamira tiveram repercussão internacional. O governo brasileiro, acusado de omissão, responde pelos crimes na Corte Interamericana de Direitos Humanos.

Diário Catarinense, 10 de Setembro de 2003.

Corretora conta como era Valentina

Mulher narra episódio misterioso e acha que líder tem poderes sobrenaturais

Uma corretora de 56 anos recebeu a equipe do DC com desconfiança na tarde de sexta-feira, dia 5, em sua casa no bairro Itaipava, periferia de Itajaí. De início, negou conhecer a mulher que é acusada de ser a líder de um grupo que mutilou nove meninos.

Depois, porém, contou que não apenas conheceu Valentina, mas teve uma experiência que até hoje a faz sentir arrepios. "Essa mulher (Valentina) tem poderes sobrenaturais", afirmou, convicta. Mexendo os braços em movimentos nervosos, ela relatou que, quando esteve pela primeira vez no Edifício Imperatriz, Valentina disse que procurava pelo "melhor apartamento" para alugar.

"Levei ela até um apartamento de frente para o mar, mas quando ela entrou começou a dizer que ali não ficaria, pois tinha muito choro, muito sofrimento", relatou a corretora. "Ela olhava para as paredes e dizia: 'aqui tem sangue, sofrimento'; mas as paredes estavam limpas, não tinham nada", continuou, para depois explicar: "Naquele apartamento morava um casal de Buenos Aires que tinha perdido uma filha recentemente.

Os dois ficavam chorando em desespero dias a fio. Ela (Valentina) viu isso tudo sem eu dizer nada", completou a corretora, uma argentina bem apessoada que durante seis anos conviveu com a líder da seita LUS em Balneário Camboriú.

5-149

5.150
J

Entenda o caso

PASSO A PASSO DO TERROR

Em julho de 1992, a Justiça do Paraná decreta a prisão do argentino José Alfredo Teruggi e de sua esposa, a paranaense Valentina de Andrade Teruggi, apontados como líderes da seita Lineamento Universal Superior (LUS). Ambos são acusados de envolvimento no desaparecimento



EVANDRO: Vítima

e morte do garoto Evandro Ramos Caetano, de 7 anos, em Guaratuba, no Paraná, e de Leandro Bossi, 6, também desaparecido no litoral paranaense - ambos em 1992.

O delegado Luís Carlos de Oliveira, de Guaratuba, apresenta pedido de prisão após conhecer um vídeo gravado quatro dias antes do desaparecimento de Leandro, no qual Teruggi, supostamente incorporando uma entidade, pede a Valentina que "matem a criancinha que pedi".

O casal foge da polícia e não é mais encontrado.

Em 2003, o Ministério Público (MP) de Altamira, no Pará, conclui que integrantes da LUS castraram nove meninos com idade entre 8 e 14 anos em rituais de magia negra durante os anos de 1989 e 1993. Das vítimas,

seis morreram. Exames comprovam que as mutilações dos órgãos genitais ocorreram com uso de instrumentos cirúrgicos.

Dois médicos, um ex-PM, um comerciante e Valentina de Andrade Teruggi são denunciados à Justiça pelo MP. Todos ne-

gam envolvimento nos casos.

Mesmo assim, o ex-PM Carlos Alberto dos Santos é condenado a 35 anos de cadeia por um homicídio e duas tentativas. O comerciante Amilton Madeira Gomes pega 57 anos de prisão por três homicídios. Na quinta-feira passada, dia 4, o médico Anísio Ferreira de Souza é sentenciado a 77 anos de reclusão pela participação em três assassinatos e duas tentativas.

O médico Césio Flávio Caldas e a paranaense Valentina de Andrade Teruggi, líder da seita LUS, são os próximos a serem julgados.

Na quinta-feira (dia 4) pela manhã, porém, Valentina, que estava em li-

berdade, é presa preventivamente por tentar fugir para Buenos Aires, na Argentina. Ela tentou embarcar no aeroporto de São Paulo com o nome falso de Valentina Munhoz.

Para garantir sua presença no Tribunal do Júri de Altamira, Valentina ficará aguardando julgamento, marcado para o próximo dia 22, no Centro de Detenção Feminino, em Belém.

Entre os anos de 1986 e 1992 Valentina e demais membros da LUS frequentavam apartamentos do Edifício Imperatriz, na Avenida Atlântica, em Balneário Camboriú, Litoral Norte catarinense. Vizinhos relatam ao DC que Valentina era tratada "como uma rainha" pelo grupo que a acompanhava. Da praia, os membros da seita faziam cerimônias de adoração ao sol, aos astros e à Valentina. De-

pois de o casal Teruggi ter a prisão decretada pela Justiça do Paraná o grupo nunca mais voltou a Balneário Camboriú.

A polícia catarinense deve investigar a possibilidade de crianças do Estado terem sido usadas em rituais, fato ainda não comprovado.



VALENTINA: Presa